

# Porto Vera Cruz

*Conheça Porto Vera Cruz Cidade  
onde aconteceu a  
Maior Batalha Naval da América  
M'Bororé*

# De 12.000 anos até a chegada dos Jesuítas na Macro Região

Para compreender o que ocorreu nestas nossas terras antes da chegada dos atuais moradores é preciso voltar 12.000 anos, tempo em que viviam seres humanos do período da 'Pedra Lascada' (Paleolítico). Chegaram ao final da última glaciação (congelamento de regiões do planeta) através de várias rotas. Foram caçadores e coletores.

Há cerca de 2.500 anos entram no território os índios da Nação Guarani. No 'O Livro de Ouro da Evolução' de Carl Zimmer, uma espécie de Darwin revisado, afirma que em levantamento genético feito em diversos povos do mundo, os Guarani se apresentam como irmãos genéticos dos Chineses, Japoneses e Inuites Siberianos. O que reforça a presença Guarani junto a estes povos a muitas dezenas de milhares de anos. Há cerca de 8.000 anos estavam na bacia do rio Madeira (Amazonas) e de lá se espalharam até chegarem a Macro Região Missioneira.

Viviam no continente cerca de 40 milhões de pessoas quando Colombo desembarcou na América em 1492. Calcula-se que falavam 2.000 línguas. Calcula-se que os Guarani eram 1,4 milhões de habitantes. A maioria dos ameríndios vivia em pequenas aldeias isoladas, apesar da existência de grandes impérios, com cidades maiores que Lisboa e Madri.

Os Guarani tinham o hábito de pescar e comer peixes, pescados com arco e flecha ou com arpão. Usavam também a pesca com timbó, que faz com que falte oxigênio na água, obrigando que os peixes boiem. Tornaram-se excelentes navegadores, pois viviam próximo aos rios maiores como no caso do rio Uruguai.

Outras tribos que viviam no atual território gaúcho e que, de alguma forma, conviveram com a entrada do

Guarani foram os Tupi, Kaingang, Carijó, Caaguá, Guaranã, Tape, Arachane ou Pato, Minuano, Guenoa, Charrua entre outros.

Na Espanha de 1492, com a tomada de Granada, a partir da expulsão dos árabes ou mouros, que lá estiveram desde 711, prevaleceu a ideia que todos deveriam tornar-se cristãos, sentimento este assumido pelos conquistadores da nova terra.

Em 1494, foi formado o Tratado de Tordesilhas, que dividiu as terras americanas entre Portugal e Espanha. Portugal exigiu que a linha imaginária passasse a 370 léguas a oeste do arquipélago de Cabo Verde. A linha passava por dentro do Brasil. Ao sul, saía onde hoje é a cidade de Laguna, em Santa Catarina, e ao norte, na ilha do Marajó, ou seja, todo o Rio Grande do Sul estava dentro do território de Espanha.

A Companhia de Jesus surgiu no dia 15 de agosto de 1534. Inácio de Loyola, estudante da Universidade de Paris, juntamente com seis companheiros vindos de Espanha, Portugal e França (Francisco Xavier, Nicolau de Bobadilla, Diogo Lainez, Afonso Salmerón, Simão Rodrigues e Pedro Fabro, único sacerdote), fizeram voto de pobreza, de castidade e de dedicação à causa da Igreja.

Os primeiros jesuítas na América Espanhola chegaram no mês de abril de 1568 em Lima no Peru. No ano de 1588 chegaram à cidade de Assunção, desde este local percorreram as montanhas, florestas e povoados da Grande Região e anunciaram ao seu superior que tinham visto milhares de guaranis ainda livres e "que pareciam muito apropriados ao reino de Deus".

## Província Jesuítica do Paraguai, os Bandeirantes e a escravidão nativa

Em 1604, foi criada a Província Jesuítica do Paraguai. Seu primeiro provincial, Padre Diego de Torrez, conforme Lugon (p. 30), recebeu ordem de renunciar inteiramente às missões ambulantes, a fim de estabelecer missões estáveis, em locais determinados e afastados das aglomerações coloniais. As missões volantes não tinham constituído comunida-

des cristãs sólidas e duráveis.

A "redução" constituía um tipo de estrutura colonial prevista para os índios. Eram povos nos quais congregavam vários cacicados. O novo espaço colonial urbanizado como os povos de espanhóis, porém sem espanhóis morando neles, devia facilitar a instrução religiosa, a vida "política e humana" e a



Em 1609 foi fundada a primeira redução jesuítico-guarani, nomeada San Ignacio Guazú, onde hoje é Paraguai. À medida que avançava o trabalho com a fundação de novos povos missionários agrupavam milhares de guaranis. Na primeira fase fundaram reduções onde hoje é o Estado do Paraná (Guairá), Mato Grosso (Itatim) e Rio Grande do Sul (Tap

## O ataques às Missões

Chegaram ao Guayrá (Paraná), num momento em que os Padres da Companhia de Jesus estavam em plena tarefa de catequizar o Guarani. No início, eles respeitaram os povos reduzidos pelos jesuítas. Mas os milhares de guaranis, concentrados nas reduções eram uma tentação na perspectiva dos Bandeirantes, pois estavam indefesos, desarmados e desprotegidos militarmente. Depois começaram a atacar para levar os guaranis como escravos das reduções do Mato Grosso (Itatim) e Rio Grande do Sul (Tape).

[illegible]

Em suas entradas no território cativaram os primeiros aborígenes, que foram vendidos como escravos para os proprietários de terras de São Vicente por bom preço. Então começaram a organizar as bandeiras, expedições de caça de escravos, que eram geridas como uma empresa comercial, pelos líderes de São Paulo.

Na passagem para o oeste, as bandeiras passaram o limite de Tordesilhas, penetrando violentamente com suas incursões em territórios da coroa espanhola. Indiretamente, os paulistas Bandeirantes tornaram-se a vanguarda da expansão territorial portuguesa nos territórios que atualmente fazem as divisas do Brasil.

atrocidades: “Tinha ele o seu gibão ou “escupil” (arma bastante usada por aquelas terras, a qual se parece com uma dalmática, descendo até os pés e importando num pano de algodão acolchoado), sua escopeta ao ombro e sua espada cingida, bem como o rosário muito comprido nas mãos. Fingindo que rezava, ia passando com grande pressa as contas. Reparamos depois que ele contava, sem dúvida, os cativos que eles levavam, para calcular a seu quinhão”.

Sobre a questão do número de índios levados como escravos para São Paulo, vários escritores como Palacios, Clemente McNaspy, Montoya, Charlevoix, Pastells e Bruxel, apontam 300.000,00 a cifra total de guaranis levados como escravos e um número igual de mortos nos ataques, período em que os povos missionários ainda não haviam organizado suas milícias





armadas e treinadas para suas defesas.

Em 1636, chegou à região do Tape (Rio Grande do Sul) a primeira bandeira paulista com intenções de escravizar os índios reduzidos. O comandante foi Raposo Tavares. Apesar da contraposição dos jesuítas, começaram o apresamento pela redução de Jesus Maria, de onde levaram milhares de índios como escravos. Em 1638, chegaram outros bandeirantes que se apoderaram dos povos de Santa Teresa e Apóstoles, também chamada de Caazapa-Guaçu.

No final de dezembro 1638 o Padre Diego de Alfaro cruzou para o lado oriental do rio Uruguai, com um número de índios armados e treinados militarmente, com a intenção de recuperar indígena e, possivelmente, enfrentar os bandeirantes que percorriam a região. Padres Jesuítas não esperaram o resultado

dos esforços de Montoya na Espanha para obter armas de fogo.

Formou-se um exército de 4.000 missioneiros, aos quais foram adicionados os onze soldados enviados a partir de Buenos Aires. As forças Guarani alcançaram os bandeirantes que se renderam e pediram paz. A conclusão obtida é que o Guarani poderia organizar e proporcionar excelentes milícias militarmente, e bandeiras eram vulneráveis, poderiam ser enfrentadas e superadas em um campo de batalha.

Nesse episódio, foram libertados outros 200 índios que já estavam aprisionados. Foi morto com um tiro de arcabuz o superior padre Diego de Alfaro, decidiram-se os jesuítas a abandonar o Tape, assim como já havia ocorrido com o Guayrá.

## Os preparativos de M'Bororé

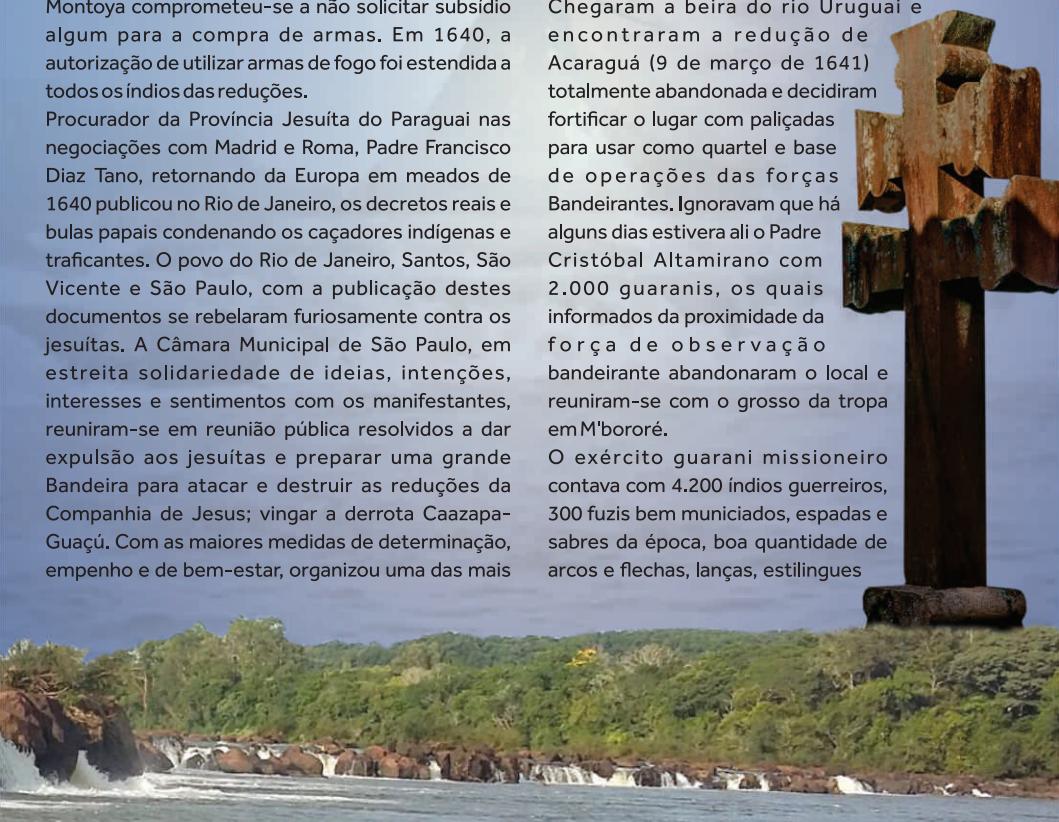
O Padre Montoya foi a Madri em 1639. Obteve, saltando por cima das autoridades coloniais e para estupefação geral, autorização para armar um contingente guarani. O Rei fora tranquilizado pela promessa de que as armas não estariam, regra geral, nas mãos dos índios, mas em arsenais. O Padre Montoya comprometeu-se a não solicitar subsídio algum para a compra de armas. Em 1640, a autorização de utilizar armas de fogo foi estendida a todos os índios das reduções.

Procurador da Província Jesuíta do Paraguai nas negociações com Madrid e Roma, Padre Francisco Diaz Tano, retornando da Europa em meados de 1640 publicou no Rio de Janeiro, os decretos reais e bulas papais condenando os caçadores indígenas e traficantes. O povo do Rio de Janeiro, Santos, São Vicente e São Paulo, com a publicação destes documentos se rebelaram furiosamente contra os jesuítas. A Câmara Municipal de São Paulo, em estreita solidariedade de ideias, intenções, interesses e sentimentos com os manifestantes, reuniram-se em reunião pública resolvidos a dar expulsão aos jesuítas e preparar uma grande Bandeira para atacar e destruir as reduções da Companhia de Jesus; vingar a derrota Caazapa-Guaçu. Com as maiores medidas de determinação, empenho e de bem-estar, organizou uma das mais

poderosas bandeiras da época, com os principais homens de São Paulo, portugueses, holandeses, mestiços e um grande grupo de índios Tupi, amigos e aliados. As forças Bandeirantes comandadas por Manuel Pires e Jerónimo Pedrozo de Barros partiram de São Paulo em setembro de 1640.

Chegaram a beira do rio Uruguai e encontraram a redução de Acaraguá (9 de março de 1641) totalmente abandonada e decidiram fortificar o lugar com paliçadas para usar como quartel e base de operações das forças Bandeirantes. Ignoravam que há alguns dias estivera ali o Padre Cristóbal Altamirano com 2.000 guaranis, os quais informados da proximidade da força de observação bandeirante abandonaram o local e reuniram-se com o grosso da tropa em M'Bororé.

O exército guarani missioneiro contava com 4.200 índios guerreiros, 300 fuzis bem municiados, espadas e sabres da época, boa quantidade de arcs e flechas, lanças, estilingues





com pedras, um pequeno canhão e vários pequenos canhões feitos de taquaruçu revestidos de couro - permitindo até quatro tiros, estacas escondidas pela folhagem das árvores nas margens dos afluentes e Uruguai, preparadas para o teatro de resistência.

A força jesuítica-guarani se preparou de forma concreta e decisiva: O diretor técnico de guerra: o ex-militar Irmão jesuíta Domingo Torres, espanhol. Ajudantes do diretor técnico da guerra os ex-militares irmãos jesuítas Juan Cárdenas, paraguaio, e Antonio Bernal, português. Chefes de ataque: o capitão

general, Grande Cacique ou Mburubichaba Ignacio Abiarú, nativo da região do arroio Acaraguá, e o meritório conselheiro cacique ou Mburubichaba capitão Nicolás Ñeenguirú, natural da região do Ibitiracá ou de Concepción, hoje Concepción de la Sierra. Supervisor de guerra: Padre jesuíta Pedro Romero, castelhano. Assistentes do supervisor de guerra: Padres jesuítas Claudio Ruyer, francês, superior das Missões; Cristóbal Altamirano, santafesino; Pedro Mola y José Domenech, aragoneses, e José Oregio, flamenco.

## O encontro de M'Bororé

Em 11 de março de 1641 o cenário de guerra estava armado: 4.200 índios da Nação Guarani, mais os dirigentes jesuítas. Do outro lado 6.800 pessoas entre bandeirantes e seus comparsas.

Neste dia, os Bandeirantes decidiram deixar o Acaraguá e baixar até M'bororé. Provavelmente intuía o perigo que lhes esperava e se encontravam presa do medo em uma área que não conheciam bem, tão longe de São Paulo. Em duas ocasiões, eles avançaram mais de uma légua do rio para voltar novamente para Acaraguá, temendo uma emboscada.

Finalmente 300 canoas bandeirantes e jangadas avançaram lentamente, levados pela corrente do rio. Sessenta canoas com cinquenta e sete arcabuzes e mosquetes, comandados pelo capitão Ignacio Abiarú, estavam esperando em M'bororé. Em terra, milhares de índios tinham postos com mosquetes, arcos e flechas, estilingues, espadas e porretes.

M'bororé era uma zona muito favorável para os missioneiros, por estar estabelecida ali o quartel e porque desde o lugar era possível uma rápida comunicação com os povos, em caso de necessidade de uma eventual retirada. A escolha do sítio da espera não foi casual, as margens estavam cobertas com uma espessa selva em galeria. Estar ali era navegar entre duas muralhas vegetais, o qual obrigaria aos bandeirantes a uma batalha frontal.

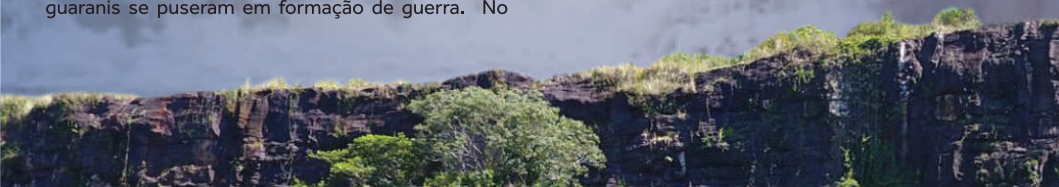
Na região hoje entre os municípios de Porto Vera Cruz – Brasil e Panambi – Argentina, às duas da tarde, a luta no rio e em terra se generalizou com encarniçamento, diz o Padre Ruyer: "... começou a se descobrir por uma ponta do rio a armada inimiga, que vinha ostentando seu poder e arrogância... Imediatamente canoas guaranis se puseram em formação de guerra. No

meio do rio Uruguai se chocaram violentamente canoas e balsas, abaixo de uma chuva de flechas, pedras e tiros de arcabuzes e mosquetes, foram 800 missioneiros guaranis, sustentados por 3.400 combatentes fortificados em terra".

Desde as paliçadas colocadas nas margens se disparava também sobre o inimigo, em um jogo de duplo ataque, fluvial e terrestre. O resultado da batalha prontamente foi favorecendo aos guaranis. O pequeno canhão de uma jangada blindada, com suas balas, outros com canhões de taquaruçu cobertos de couro em outras jangadas e a fuzilaria missioneira afundaram várias canoas, desconcertaram a frente de ataque e introduziram certa desordem a retaguarda dos invasores.

O chefe bandeirante Jerônimo Pedroso de Barros se viu obrigado a baixar a terra, cruzar um arroio grande e atacar pela retaguarda a um grupo de atiradores que acoassavam a suas tropas; conseguiu dissolvê-los, porém o grupo de fuzileiros reaciona, contrataca ao chefe bandeirante, que se vê compelido a refugiar-se em uma paliçada feita pelos seus no início do combate.

Alguns portugueses levavam suas canoas para a costa e fugiam para a selva, outros jogaram suas armas no rio para evitar cair nas mãos dos Guarani e tomando os remos se apressavam em retroceder. Com as últimas luzes do dia os Bandeirantes retrocederam em desordem pelo rio e pela costa, até chegar à noite a uma chácara que havia pertencido à redução de Acaraguá, localizada na margem direita do Uruguai. Lá, em uma colina, durante toda a noite se dedicaram a levantar paliçadas.



## A sequencia da Batalha de M'Bororé

Ao amanhecer do dia seguinte, 12 de março de 1641, os Guarani trataram de dar sobre o inimigo, pois já não os temiam e se apresentaram a improvisada fortificação dos portugueses e os incitavam à batalha, mas eles não saíram. Depois de algumas horas de espera o chefe bandeirante, Manuel Pires enviou uma carta aos padres jesuítas. Ele pediu a cessação das hostilidades e chamou para o diálogo.

A carta foi lida pelos padres e rasgada na frente das tropas Guarani, determinando-se no ato o assalto à paliçada bandeirante. Durante os dias 12, 13, 14 e 15 de março os missioneiros bombardearam continuamente a fortificação com canhões, mosquetes e espingardas, tanto desde posições terrestres como fluviais, sem arriscar um ataque direto.

Sabiam que os bandeirantes não tinham alimentos nem água e que estavam totalmente ilhados em sua paliçada. Ademais, continuamente durante aqueles dias, se produziam deserções de tupis das fleiras bandeirantes, o que se incorporavam as forças missioneiras e forneciam informação sobre a situação do inimigo.

No dia 16, às onze horas da manhã, os portugueses mandaram um pequeno barco com uma bandeirinha branca e outra carta pedindo um cessar-fogo e oferecendo uma rendição. Esta também foi rasgada pelos Guarani.

Em um ato de desespero os Bandeirantes se lançaram em suas canoas e jangadas para o rio sob uma chuva de munições, flechas e pedras, prontos para segui-los para as paliçadas de Acaraguá. A operação foi um desastre, porque acima, na foz do Tabay dois mil Guarani os esperavam fortificados para evitar a fuga.

Quando os Bandeirantes chegaram ao local perceberam que estavam encurralados. Sem possibilidades de se organizar para fazer batalha, optaram por retroceder até o Acaraguá, ganhar à

costa direita do rio e internar-se na floresta. Começou ali uma cruel perseguição pela selva. O Provincial Ruyer diz que os índios guaranis foram valerosos soldados e que honraram a Nação Missioneira. Milhares morreram na selva nas mãos dos guaranis e vítimas da fome e das feras. A vitória foi absoluta e esmagadora. A derrota para os Bandeirantes, aterrorizante.

Sabedores da derrota da bandeira de M'bororé, São Paulo mandou uma bandeira de socorro que chegou ao acampamento da primeira das nascentes do Apiterebí ou Chapecó, pouco antes de finalizar 1641. Os derrotados foram incorporados à nova expedição paulista, e esta, ansiosa de cativar índios e vingar as derrotas de seus antecessores.

No momento em que os bandeirantes paulistas esperavam concentrar as forças, o Estado Maior de Guerra dos missioneiros, informados por espíões sobre as atividades dos invasores, destacaram o supervisor da guerra o Padre Cristóbal Altamirano e o Capitão Abiarú com 150 aguerridos guaranis contra os invasores. Os derrotados novamente se vão para a floresta, perseguidos pelas feras e índios Guayanás. Chegaram a São Paulo somente cerca de 250 pessoas da força bandeirante que nunca mais atacou as Reduções – se foram em busca do ouro e pedras preciosas e que fez o território e a história do Brasil que conhecemos hoje.





# O Segundo Ciclo Missioneiro

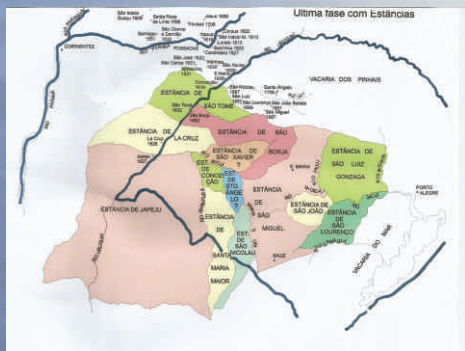
Após as grandes migrações pelo ataque dos bandeirantes, jesuítas e guaranis ficaram do outro lado do rio Uruguai até 1682, quando iniciam um novo modelo de migração, agora para a reocupação dos territórios do lado esquerdo, onde hoje é o Rio Grande do Sul (Brasil). Em 1680, os portugueses fundaram a Colônia do Sacramento, em pleno território Espanhol, em frente à Buenos Aires, do outro lado do Rio da Prata. A expressão “primeiro ou segundo ciclo missioneiro” só pode ser usada com uma visão brasileira da Província Jesuítica do Paraguai. Para onde hoje é Brasil, não retornaram as dezoito reduções do primeiro ciclo. Entre as migrações e novas fundações formaram os Sete Povos das Missões, como ficaram mundialmente conhecidas. Voltaram por duas razões: primeira, a econômica, pelo gado que estava espalhado por todo o território que depois foi chamado Rio Grande do Sul; e segunda pelas questões de ocupação territorial.

Os Sete Povos: **São Francisco de Borja:** Fundado em 1682 do desmembramento da Redução de São Tomé, que estava do outro lado do rio Uruguai. **São Nicolau:** Fundada em 1626, Transmigrou no ano de 1687 do outro lado do rio Uruguai. **São Luiz Gonzaga:** Fundada em 1687 pelo Padre Miguel Fernandez. Tem sua origem na migração do povo da redução de Conceição. **São Miguel Arcanjo:** Transmigrou em 1687 para o local onde hoje está o Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, havia sido fundada na primeira fase pelo Padre Cristóvão de Mendoza, em 1632, em outro local, próximo à atual cidade de São Martinho. **São Lourenço Mártir:** Fundada em 1690 pelo Padre Bernardo de La Vega. Originou-se de um desmembramento de Santa

Maria Maior, redução que estava às margens do rio Uruguai, no lado direito. **São João Batista:** Fundada em 1697 pelo Padre Antonio Sepp, da divisão da redução de São Miguel. Pelas maravilhas que realizou Sepp foi reconhecido como o “Gênio das Missões”, pois fundiu o primeiro aço em terras da América e formou sua orquestra e coro com mais de 1.000 índios. **Santo Ângelo Custódio:** Fundada em 1706, a partir da divisão do Povo de Conceição, pelo Padre Diogo Haze, do lado esquerdo do rio Ijuí, logo no ano seguinte, 1707, foi transferido, definitivamente, para o atual local, onde está o município de Santo Ângelo. Na Argentina restaram 15 Reduções e no Paraguai 8, compondo o conjunto dos 30 Povos.

As Missões foram constituídas pelos jesuítas a partir das utopias de Morus, Bacon e Campanella. Lugon, disse que foi a mais original das sociedades já realizadas. Charlevoix e Muratori reconheceram-na como um modelo sem precedentes de sociedade cristã. Os Jesuítas comparavam os guaranis aos primeiros cristãos e descreviam suas comunidades como a realização ideal do cristianismo. Voltaire afirmou que o projeto Jesuítico-Guarani foi um “triunfo da humanidade”. Montesquieu chamou de “primeiro estado industrial da América”. A primeira cooperativa surgiu em 1627, nas Reduções Jesuítico-Guarani.

Exportavam para as principais cidades da Europa, Buenos Aires, Chile e Peru. Os principais artigos exportados eram o mate, o fumo, o algodão, o açúcar, os tecidos de algodão, os bordados, as rendas, os pavios e cirios, os objetos fabricados em torno, mesas, armários e baús de madeiras preciosas, instrumentos musicais, esculturas, peles, curtumes, e arreios de couro, rosários e escapulários, mel, frutas de todas as espécies, principalmente laranjas, tamarindos, tintura de cochinilha e de outras cores, cavalos, mulas e carneiros, assim como os excedentes de diversas indústrias.





# Do final das Missões aos nossos dias

Em 1750, as Missões Jesuíticas dos Guarani, atingiram o seu mais alto ponto de esplendor. As ideias divulgadas na Europa sobre as Reduções causavam grande pavor nas classes tradicionais europeias. Fernando VI, Rei de Espanha, ordenou a assinatura do Tratado de Madri de 13 de janeiro de 1750. Deveriam sair de suas terras e ir para o outro lado do rio Uruguai.

Com a reação ao Tratado, de 1754 a 1756 ocorre a Guerra Guaranítica. No dia 7 de fevereiro de 1756 é morto Sepé Tiaraju com lança, tiro e martírio de seu corpo a partir de fogo posto com pólvora. No dia 10 ocorreu a Batalha de Caiboaté, onde morreram 1.500 guaranis através de quebra de palavra pelos portugueses e espanhóis, pois haviam combinado com o representante Guarani que somente sairia embate 3 dias depois.

Novamente os Jesuítas e Povo Guarani são expulsos para o outro lado do rio. Em 1761 o Rei cancela o Tratado de Madri e retornam a ocupar seus locais, mas em 1767 o rei expulsou os Jesuítas que se foram para Praga e Prússia no final do ano de 1768.

Com isto o exército espanhol tomou conta do território até 1801, momento em que pela primeira vez assumem os portugueses. Porém em 1828 os de fala espanhola retomam o território e se funda uma província da Argentina chamada "Província das Missões Orientais do Uruguai" que foi posteriormente trocada pela libertação da Província Cisplatina. Rivera, então governador saiu do território e leva muitos guaranis e se torna o primeiro presidente constituinte da República do Uruguai.

A partir de 1829 migram famílias de descendência portuguesa que ganham grandes áreas de terras em toda a região. Depois, antes do final e após os anos 1900 estas áreas, especialmente as de florestas são as que são divididas em colônias e recebem as famílias de colonos vindo das imigrações diretas da Alemanha, Itália, Polônia e tantos outros países da Europa, como especialmente das Colônias Velhas do Rio Grande do Sul e que tinham recebido famílias desde 1824 e que na nova migração ocuparam todo o Noroeste do Estado.

Afinal onde ficaram os descendentes daqueles que viviam há 12.000 anos – indígenas pré-pampianos, ou os de 2.500 anos, os da Nação Guarani? Os índios continuam vivos de muitas formas, espalhados nas Aldeias distribuídas entre o Brasil, Argentina e Paraguai, ou especialmente, na gente mais pobre da macrorregião. Com facilidade se pode ver rostos mais indiáticos, mestiços, na beira do rio Uruguai, ou na periferia das grandes cidades de qualquer parte do Rio Grande do Sul, muitos deles em um estágio de pobreza diferenciado, invisíveis descendentes daquele período histórico.

Remexer com esta história que estava escondida até há pouco tempo é a possibilidade de compreender que sempre tivemos pessoas morando neste nosso amplo território. Bons motivos, de certo, fizeram com que tivéssemos mantido silêncio histórico sobre uma das mais lindas histórias da humanidade e que ocorreram exatamente sob nossos próprios pés.

O Cristianismo nos fez herdeiros de páginas magníficas como a de 'Nossa Senhora de Assunção, Acaraguá e M'Bororé', a Santa que acompanhou toda a luta histórica desde as primeiras fundações, passando pela 'maior batalha naval da América' e hoje ainda está vivíssima, irmanando-nos novamente.

